

## OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO SETOR DO AZEITE <sup>1</sup>

O azeite tem estado presente nos países da bacia mediterrânica desde tempos imemoriais. Em 2020, os olivais tornaram-se na maior cultura permanente do planeta, ocupando uma área de 11.520.602 hectares<sup>2</sup>.

Desde finais do século XX que a cultura da oliveira se havia expandido exponencialmente em países com uma tradição olivícola, e havia sido introduzida noutros onde o seu cultivo nunca havia sido tentado, fora da bacia mediterrânica e estando presente em todos os cinco continentes.

Era um setor estratégico a nível internacional, proporcionando um grande valor social, cultural, económico e ambiental. A nível socioeconómico, em 2019 gerou um volume de negócios de 12,529 milhões de euros, empregando diretamente mais de 28,6 milhões de pessoas (quase 1% da população ativa mundial), ajudando também a fixar a população nas zonas rurais. A nível ambiental, utilizando as técnicas corretas, foi uma das culturas com maior capacidade para travar a desertificação e reduzir a pegada de carbono. A Europa manteve-se líder na distribuição global do impacto económico do setor olivícola, representando quase 71% do volume de negócios global e mais de 41% do emprego.

Tudo isto era bem conhecido dos que estavam ligados, uma manhã de janeiro, para debater as tendências do setor e os desafios que enfrentavam. Esta reunião contou com a presença das pessoas *vértice* das principais empresas espanholas de azeite. Sabiam que o consumo de azeite crescia todos os anos, mas Espanha, que havia sido sempre uma referência no setor com a maior superfície cultivada, enfrentava muitos desafios. Como aumentar o valor do azeite espanhol? Como melhorar as plantações e as instalações obsoletas? Como aumentar o consumo? Tinham muito que fazer e deveriam trabalhar em conjunto. Todos concordavam num ponto principal: *"É um setor saudável, com potencial, atraente, mas com os mesmos problemas que se têm vindo a verificar desde há anos"*.

---

<sup>1</sup> Cenário da Divisão de Investigação de San Telmo Business School, Espanha. Preparado pelos professores Antonio García de Castro y Rocío Reina Paniagua d San Telmo Business School e Juan Vilar Hernández, analista internacional de azeite, consultor e professor universitário, para ser utilizado em aula e não como ilustração da gestão, adequada ou desadequada, de uma determinada situação.

Copyright © abril 2021, San Telmo Business School. Espanha.

Não é permitida a reprodução, total ou parcial, deste documento, nem o seu arquivo e/ou transmissão por qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrónico ou mecânico, por fotocópia ou registo por outros procedimentos, sem a autorização expressa e escrita de San Telmo Business School. Para solicitar cópias ou autorização para utilizar este estudo, é favor contactar o departamento de Edição de Cenários em +34 954 975 004 ou por correio eletrónico em [casos@santelmo.org](mailto:casos@santelmo.org).

<sup>2</sup> A fonte de todos os dados do caso (tanto textos como anexos) referentes às campanhas 2014-2015, 2015-2016 e 2016-2017, atualizadas até 2019, fazem parte de um relatório setorial levado a cabo por Juan Vilar Consultores Estratégicos.

De facto, como habitualmente, as mesmas velhas divergências surgiram e complicaram o trabalho de colaboração: sobre painéis de degustação, sobre as qualidades do azeite, sobre como lidar com a má imagem do setor gerada noutras áreas e entre a população por certas más práticas, sobre como procurar maior eficiência nas plantações mais tradicionais, sobre a modernização e profissionalização das cooperativas e dos próprios agricultores, etc...

Havia muitos modelos de negócio diferentes que podiam coexistir no mercado; apenas tinham de encontrar um terreno comum para fazer crescer o setor e manter e promover o azeite espanhol como a referência que já era.

### **A OLIVICULTURA... UMA EXPLOSÃO INTERNACIONAL**

Nos últimos 15 anos, o número de países produtores de azeitonas havia aumentado de 46 para 67, com 1,65 milhões de hectares de olivais plantados em todo o mundo. Esta expansão teve o seu foco principalmente nos últimos 6 anos, com 1 milhão de novos hectares plantados. A Europa continuava a ser o maior produtor, seguido a grande distância pela África e Ásia. Este crescimento ficou a dever-se a vários fatores:

- Aumento da procura de azeite, graças a políticas de promoção desta gordura vegetal, sensibilizando para as suas propriedades benéficas para a saúde.
- A intensificação e melhoria das técnicas de produção que permitiam a cultura da oliveira em zonas geográficas com condições menos que ideais.
- As políticas públicas de apoio à cultura da oliveira. Foi o caso do aumento da superfície que teve lugar em países europeus como a Grécia, Espanha e Portugal, coincidindo com a sua adesão à União Europeia nos anos 80.
- O aumento da rentabilidade económica do setor devido à mecanização das tarefas agrícolas, o que permitia reduzir a quantidade de mão-de-obra empregada, otimizando assim os custos por cultura, especialmente os custos da colheita.

Contudo, este crescimento de novas plantações nas últimas duas décadas abrandou, tendo atingido valores negativos no último ano (2019, -1%). Esta tendência teve a sua origem no ciclo de preços baixos nos mercados de origem do azeite, o que levou os investidores a orientarem-se para setores mais rentáveis, como o das amendoeiras, já que haviam observado a sua área cultivada a aumentar em detrimento dos olivais. O abandono dos olivais marginais também desempenhou um papel.

A previsão era que a superfície dos olivais aumentaria de forma constante de 40.000 a 50.000 hectares por ano, em comparação com um aumento nos anos anteriores de 100.000 a 150.000 hectares de olivais.

No entanto, os participantes no encontro concordaram que o setor estava a sofrer uma transformação: nessa altura, 70% dos olivais, ainda tradicionais, produziam 60% do azeite mundial, enquanto que os olivais modernos e mais competitivos produziam 40%.

Antonio Gallego, diretor-geral da Migasa<sup>3</sup>, assinalou que *"nos últimos anos, a produção tem sido mais rápida do que o consumo. É evidente que o consumo de azeite vai aumentar, mas é sempre necessário mais tempo. A abertura de novos mercados não é fácil"*.

Antonio Luque, Presidente da Dcoop<sup>4</sup>, acrescentou: *"Nos próximos anos, veremos plantações de azeitonas continuarem a crescer em todo o mundo"*. E Álvaro Olavarría, diretor-geral da Oleoestepa<sup>5</sup>, acrescentou: *"O azeite é a cultura menos má de todas, é uma cultura de refúgio, que tem um grande efeito. Nunca deixa de ser plantada"*.

## O CULTIVO DO OLIVAL

### Tipos de cultivo

Existiam diferentes tipos de produção ligados principalmente à densidade de oliveiras por hectare, à orografia e à existência de irrigação de apoio. Estas variáveis, nas suas diferentes combinações, determinam diferentes modelos de cultivo, mais ou menos mecanizáveis. Em termos gerais, o tipo de cultivo foi classificado de acordo com a densidade de oliveiras por hectare, entre as oliveiras tradicionais (70 a 120 oliveiras por hectare), a copa moderna (200 a 600 oliveiras por hectare) e a sebe moderna (até 2 500 oliveiras por hectare).

Esta classificação principal foi subdividida de acordo com o sistema de irrigação, distinguindo entre o sequeiro e o regadio em cada um dos três tipos, resultando em seis tipos diferentes de cultivo. Além disso, o cultivo tradicional poderia ter lugar em parcelas com um declive elevado (>20%) ou um declive moderado, sendo que este sistema tradicional também tinha esta classificação diferenciada. No total, esta classificação incluía oito tipos de cultivo do olival.

Os olivais tradicionais eram o sistema mais difundido a nível global, especialmente nos países produtores tradicionais da bacia mediterrânica, tais como Espanha, Itália, Grécia e Tunísia, representando 70% dos olivais do mundo, seguido do cultivo em copa (22,6%) e finalmente, em menor grau, olivais de sebe (7,4%).

As oliveiras em cultivo tradicional eram geralmente entre duas e três árvores, com o objetivo de aumentar ao máximo a sua copa, a fim de incrementar a produção. O regime hídrico predominante era o do sequeiro, representando 80,7% da área total de olivais tradicionais no mundo (os restantes 15,3% eram regadio). 32% da terra estava em declives íngremes, o que dificultava o cultivo e a colheita. A produção média anual de azeitonas variava entre 17 e 22 milhões de toneladas.

---

<sup>3</sup> <http://www.migasa.com/>

<sup>4</sup> <https://www.dcoop.es/>

<sup>5</sup> <https://www.oleoestepa.com/>